

Democracia, bolsonarismo e *brasilidade* em tempos de pandemia

por Ana Maria Siqueira Leal¹

“...Se você reparar, todas as minhas metáforas são corpóreas, e nem metáforas são. A Amazônia literaliza tudo. Já não posso ser cartesiana, porque o corpo é tudo e tudo domina. Quem entra na floresta pela primeira vez, não sabe o que fazer dos sentidos que sente, com as partes do corpo que desconhecia e de repente nunca mais a deixará. Em algum momento adoecem, porque o corpo da cidade, acostumado a fingir que não existe, para poder robotizar diante do computador, não sabe o que fazer de si.”

Eliane Brum, *Banzeiro òkòtó*, 2021

Vivemos dias de sofrimento e alienação, já antes das últimas eleições. A pandemia tingiu de medo esse período, não só pelo temor a doença, mas também pelo cenário político brasileiro neste mesmo período.

Setecentas mil mortes, ataques aos mais vulneráveis, suspensão de uma humanidade, falta de ar! Assim defino os últimos anos do desgoverno bolsonarista.

Como processar essas perdas?

A partir de minhas pesquisas sobre o luto, que têm como base o curso de Psicopatologia psicanalítica e clínica contemporânea, vou eleger a melancolia como um protótipo destes tempos.

Mario Pablo Fuks, em seu texto "No domínio das neuroses narcísicas e suas proximidades", define a melancolia como uma afecção que não é da ordem da neurose, nem da psicose e sim das neuroses narcísicas. Isso é importante, pois essa terceira via classifica um novo alinhamento das instâncias do Eu: na neurose o Eu luta com a realidade, na psicose o Eu luta com o inconsciente, na neurose narcísica, o Eu está em luta com o Superego.

Poderíamos pensar que o país entrou numa onda melancólica? No texto "Luto e melancolia", já na década de 1920, Freud usa o termo neurose narcísica para afecções do tipo da melancolia, que se repete e se explica por meio da problemática do narcisismo.

¹ Psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. Socióloga pela USP, pós-graduada em Ciência Política pela Unicamp. Professora do curso Psicopatologia Psicanalítica e Clínica Contemporânea, analista institucional pelo CIEE PSIC.

A brasilidade se expressa de que forma? Que fim levou a bandeira do Brasil? Amarrada aos corpos dos invasores do 8 de janeiro? Como processar tantos lutos? De uma imagem? De significantes como *país do futuro*?

Paulo Arantes, filósofo marxista, professor emérito da USP, em entrevista a Eduardo Sambini na Ilustríssima da Folha de São Paulo, abrange a questão da brasilidade, dizendo que se ocupa desse assunto há vinte e dois anos. Qual seria o modelo de desenvolvimento para o país, submetido a um capitalismo altamente destruidor que não deixa brechas para os mais pobres? No livro *A fratura brasileira do mundo*, Arantes fala do Brasil como um país desigual. Nosso futuro já chegou e não temos para onde ir.

A direita está crescendo em todo mundo. Desde a crise de 2008, o medo de perder o lugar na sociedade torna os sujeitos mesquinhos, racistas, xenófobos, misóginos. Isso cresce na Polônia, Hungria, Romênia, Israel - a fratura é insanável e a solução liberal trata de tocar o negócio!

O trabalho é precário; o topo da pirâmide vive tranquilamente. O futuro chegou e é sombrio. um terço da classe operária alemã está rifada: eu posso jogar no mar!, diz Paulo Arantes.

Seria o fim do capitalismo global?

Paulo Arantes diz que nunca foi tão a favor de um governo como esse de Lula no terceiro mandato, afirmando que ele já terá feito bastante ao segurar a extrema direita.

A vocação de país do futuro, onde todo mundo “se vira”, caiu por terra! E o trabalho como agregador de riqueza não mais existe.

Muitos lutos para serem elaborados e com diversas camadas! Políticas, ideológicas, econômicas, sociológicas, pessoais e subjetivas.

Minhas pesquisas sobre o luto passam também pelo que vou chamar de metapsicologia fenomenológica, que trata da descrição da afecção. Autores com Fédida, J.-B. Pontalis, Daniel Delouya, Julia Kristeva recorrem a figuras como “o tempo não passa”, “figuras do corpo”, “sensação de fisgo”, “doenças da alma”, “depressividade”.

Vou me aprofundar, ainda, em uma outra categoria, que chamarei de metapsicologia dos húngaros. Pensadores tais quais Sandór Ferenczi, Nicolas Abraham, Maria Torok, Fabio Landa e Derrida apoiam-se em conceitos como introjeção, incorporação. Invertem a chave *luto e melancolia*, para *luto ou melancolia*, deduzindo daí um novo estatuto para o conceito freudiano de luto.

Fabio Landa produz na França, sua tese de doutorado e seu pós doutorado têm por centro o estudo de Husserl, filósofo da fenomenologia e seu conceito de anasemia, no qual a mensagem bruta se transforma em mensagem humana. Essa

marcação possibilita o que poderia ser chamado de uma elaboração da dor e da emergência dos processos criativos por parte do psicanalista do testemunho de alguém que sofre, uma ética do cuidado, categoria situada nas fronteiras da psicanálise, da filosofia e da literatura, que inspira a concepção de uma “psicanálise a duas pessoas”.

Será que os profissionais do SUS, durante a pandemia, usaram dessa “mensagem humana” para cuidar dos pacientes? A negação da vacina e suas consequências, com milhares de mortes, bateram de frente com quem, crendo na ciência, não abandonou seu posto e correu também o risco de morrer.

O luto é um processo normal, a melancolia, uma patologia. Nós professores do curso Psicopatologia psicanalítica e clínica contemporânea temos nos debruçado, nos últimos anos, em colaborar para construir uma metapsicologia para as “novas” patologias, que se apresentam no nosso atual momento histórico.

Partindo do caso clínico, teorizando e voltando ao caso, construir um pensamento que nos afaste das explicações fáceis e das caixinhas dos modelos psiquiátricos.

Na clínica como sintoma social, trago Maria Rita Kehl, no livro *O tempo e o cão*, de 2009, que define a depressão como covardia moral, ideia que partilha com Mauro Mendes Dias, no caderno do Seminário: Neurose e Depressão (livro 1 e 2 da Unicamp).

Mas por que covardia moral? Eles afirmam que o neurótico depressivo se demite de um lugar de gozar diante da sociedade do espetáculo, que promete uma eterna satisfação, à qual ele não tem direito, pois não foi convidado para essa festa!

Vou me deter agora no texto de Ana Lucia Panachão e Tatiana Inglez-Mazzarella, "Figuras do sofrimento psíquico contemporâneo no Brasil: entre a pandemia e o pandemônio", apresentado no Congresso da FLAPPSIP, em 2021. As autoras nos situam no momento histórico da pandemia, altamente complexo, que causou consequências traumáticas tanto em termos individuais quanto coletivos.

A pandemia SARS-CoV 2 chega ao Brasil em um momento de grande vulnerabilidade, no qual, desde as eleições de 2018, a política de ódio e extermínio ganhava terreno frente a Eros e o processo civilizatório. Os ditos e não ditos publicados diariamente causam efeitos de desorientação e sustentaram um discurso de extrema direita.

Desamparo e desalento marcam esse período, diz Joel Birman, citado pelas autoras. Segundo o autor, o momento se baseia na falácia de que “ou se salvam as pessoas ou se salva a economia”. Birman destaca ainda como formação sintomática os efeitos psíquicos que o incremento das mortes provocam no sujeito, devido à impossibilidade do trabalho de luto.

Voltando à brasilidade, gostaria de pensar nosso país com um projeto de futuro, forma possível de elaborar o luto e deixar de lado o estado melancólico! Se não existe país do futuro, vamos pensar no futuro do país. Para isso busquei autores

como Lina Bo Bardi, Oscar Niemeyer, Pierre Verger, Darcy Ribeiro e tantos outros que pensaram num Brasil moderno, que não esquece suas raízes. Assisti a um documentário no Canal Curta, em que Caetano Veloso afirma que Dona Lina deixou o Rio de Janeiro e São Paulo (cumprida sua missão no Teatro Oficina) e aportou na Bahia, onde restaurou igrejas e o teatro Castro Alves. Lina juntou o desenho industrial (uma de suas artes) aos objetos nordestinos e indígenas, fazendo uma releitura dos mesmos. Assim se fez brasileira!

Retomando minha leitura de Paulo Arantes, reitero a estrutura capitalista dependente que se constituiu no Brasil, onde a revolução democrático-burguesa não conseguiu se processar e vai entrar na industrialização, com restos de estruturas oligárquico-nacionais. O esforço contra a hegemonia tecnológica que sucede no Ocidente e o “complexo de inferioridade tecnológico” no campo das artes esbarram na estrutura de um sistema: Se o problema é fundamentalmente político econômico, quem atua no campo do design deve se afirmar em suas escolhas. É aquilo que Brecht chamava de a “capacidade de dizer não”. A liberdade. A liberdade do artista foi sempre “individual”, mas a verdadeira liberdade só pode ser coletiva.

Juscelino Kubitschek, presidente do Brasil, nos anos 60, mudou a capital para o centro do país. Um projeto fadado a ser moderno e utópico. Trouxe brasileiros de todos os estados para conseguir, junto a Oscar Niemeyer, construir Brasília.

Mas Brasília, centro do poder político, foi se transformando, devido às contradições do capitalismo, numa terra sem ordem e sem lei.

Esse voo não seria satisfatório sem citarmos a ditadura militar de 1964, que cerrou a boca de milhares de brasileiros, proibindo sua expressão e provocando tantas mortes, censura e exílio. Dor que o desgoverno bolsonarista nos fez sentir outra vez!

Voltando ao luto, aproveitamos para reconhecer o poder da grupalidade nos trabalhos de elaboração de situações traumáticas e lutos coletivos. Mario Pablo Fuks em seu texto “Trauma e dessubjetivação” (in Percurso 52), fala sobre o trauma psíquico, quando as situações traumáticas se caracterizam pela emergência de um montante de angústia real, causa de um enorme sofrimento psíquico. Diante da impossibilidade de apropriar-se do acontecimento, este não pode ser introjetado e o psiquismo se parte e cria lacunas, não lugares. Algo parecido com uma amnésia, ao bloqueio dos processos de simbolização.

Mas o que mais me chamou a atenção neste texto é a possibilidade de elaborar lutos coletivos. Mario passeia por diversos autores - vou me deter em René Kaës, que afirma: não há luto estritamente privado porque embora, todo luto envolva a intimidade e a singularidade de cada sujeito, ele se dá sempre sobre uma inscrição coletiva, social, cultural, religiosa.

Voltando ao início deste texto, posso afirmar que a Democracia ainda é o regime político capaz de garantir, ou ao menos proteger, a saúde mental dos brasileiros! Abandonados que estão à sua própria sorte!